



Rosier Alexandre
Saraiva Filho
Montanhista

e
Instal

Entre o solo e o cume: o sertanejo que descobriu nas montanhas o poder do exílio interno

Um toque de ansiedade, de tensão, parece sugerir que Rosier Alexandre Saraiva Filho está em guarda. Na tentativa de dissipar a imagem de super-herói, ele sorri. Logo na primeira resposta. A boca rasgada se abre num sorriso largo, como um atestado de espiritualidade. No início, o homem de ar amistoso se refugia na armadura pesada que leva o nome de Imagem. Roupa que dificulta os gestos e esconde as expressões. Por desconfiança ou costume, mantém cruzados os dez dedos das mãos durante as primeiras respostas. Armar-se foi a melhor forma que encontrou de se apresentar como um personagem.

Num primeiro momento, o imaculado Rosier evita qualquer rasgo de emoção espontânea. A Imagem lhe impede de ser natural. A fala acelerada, de palavras costuradas, reproduz-se em alta velocidade. Como se houvesse formulado há anos as mesmas respostas e repetisse a fórmula a cada entrevista.

De repente, porém, uma surpresa: a reserva envolta num ar inicial de retidão e decoro desfaz-se. Pelo olhar de Rosier é fácil decifrá-lo: através de uma fresta na armadura, o brilho dos olhos. Única parte que não consegue se esconder atrás da Imagem. Outros sentimentos se esgueiram naqueles olhos: tristeza, integridade, coragem. Ao lembrar momentos da infância na pequena cidade de Monsenhor Tabosa, no sertão do Ceará, ele olha para o horizonte num enlevo maravilhado. Marcas de um passado que lateja no imaginário do menino "diferente", que nas horas vagas preenchia as folhas do caderno com rabiscos de montanhas.

Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas. Não por acaso, Rosier nasceu na terra do pico mais alto do Ceará. Não é um Everest, mas é o Pico do Oeste. Não tem o clima ideal para escalada, mas foi onde treinou, sem saber, para ser capaz de escalar grandes montanhas geladas e vulcões altíssimos. As coisas não costumam acontecer na vida por acaso; não para quem nasce com um projeto de vida arquitetado. E esse foi o caso do nosso entrevistado.

Antes de nascer, Rosier e Deus apertaram as mãos selando um acordo: o sujeito rece-

beu o dom de escalar montanhas com destreza. Em troca, o Pai Todo Poderoso lhe pediu para cuidar das almas confusas e perdidas no mundo. A missão do montanhista passou a ser dar conselhos e palavras de motivação. Após a garantia de cumprimento do acordo, Deus anunciou a chegada do menino: que se faça a contradição! E a contradição foi feita. Rosier veio ao mundo com medo de altura. Além disso, nasceu no sertão. Mas não se deixou intimidar pelas aparentes adversidades. O sertanejo encontrou nas montanhas, e nas pessoas, o próprio projeto de vida: "A minha felicidade está na montanha. Ela é maior do que eu".

Rosier fala de gente no mesmo patamar de qualquer um de nós, que não estivemos nos cumes de grandes cadeias montanhosas. Ao contar sobre as almas perdidas de quem guiou o caminho, com um prazer de quem se encanta pelas coisas simples da vida, lágrimas irrompem os olhos penetrantes. Por baixo das tiradas espirituosas, existe um homem frágil. Com um toque de tristeza na voz, Rosier menciona os fracassos. Palavra que, se pudesse, tiraria do dicionário. Ele logo se refaz; e encerra o assunto com uma piada otimista.

Nas próximas páginas, você terá como missão escalar uma montanha. Que tem nome: Rosier. Ao chegar ao cume - ou ao final desta entrevista, como preferir - medite. Ganhe intimidade com a montanha, deixe-se contagiar pela liberdade inspiradora do entrevistado. Curta, delicie-se, sinta a adrenalina e as dificuldades invadindo-lhe o peito. Preocupe-se, entretanto, com a descida. É o momento mais difícil, é quando o abismo se estreita e o ambiente se enche de possíveis surpresas.

A descida desta entrevista, ou o final dela, é na verdade uma subida. Nela, Rosier dá uma guinada. Para os leitores, semeou valores. Portanto, no caminho da descida, desacelere. Sinta os valores plantados por quem entende deles. Deixe-se encontrar. E assim saberá que nosso entrevistado é um caso especial; e o que o torna especial é ele não ter a menor ideia do efeito que produz nos outros.

Equipe de Produção:

Raíssa Câmara
Roberta Tavares

Texto de abertura:

Juliana Diógenes

Participação:

João Victor Melo
Igor Gadelha
Juliana Diógenes
Mariana Freire
Nayana Siebra
Pedro Vasconcelos
Raiana Carvalho
Raíssa Câmara
Roberta Tavares

Fotografia:

Benjamin Lucas



Entrevista com Rosier Alexandre Saraiva Filho, dia 20 de outubro de 2011

Roberta – Você nasceu e foi criado no Sítio Cedro (zona rural do município de Monsenhor Tabosa, há 319 quilômetros de Fortaleza). O que teve de melhor na sua infância?

Rosier – (Risos) A minha infância foi cheia de coisas boas. Apesar de eu ter nascido em um casebre de taipa, foi uma infância bem dura no aspecto financeiro, mas foi cheia de brincadeira, de lazer... Nunca faltou carinho do pai (Rosier Alexandre Saraiva), da mãe (Noélia Mesquita Saraiva), muitos irmãos e primos para brincar. Não tenho nenhum trauma da minha infância nem daquela pobreza extrema de onde eu nasci.

Raiana – Você fala na pré-entrevista que, desde cedo, a relação com a natureza era muito forte. Como era a sua relação com a natureza na infância?

Rosier – Eu nasci na zona rural, há 14 quilômetros da cidade (Monsenhor Tabosa). Sou o oitavo filho, de uma família de nove, e nenhum dos sete primeiros (filhos) frequentava a escola. Logo depois do meu nascimento, quando eu tinha três anos e meio, nós mudamos pra cidade. Eu fui o privilegiado! Meu pai comprou um sítio próximo à cidade e eu continuei com esse mesmo contato (com a natureza), montando em jumento, montando em burro, tomando banho de rio, fazendo pescaria, caminhada, adorava o curral com as vacas! Eu sempre subia as montanhas da região de Monsenhor Tabosa, onde está o ponto mais alto do Ceará (Pico do Oeste, de 1.145m de altura). O fato de eu ter nascido na zona rural e ter ido pra cidade não me tornou urbano. Eu continuei a ser aquele mesmo menino da zona rural. Você vê que esse lugar (mostrando o jardim e o quintal de casa) é o mais sagrado que tem na minha casa. É o verde, é a natureza, eu adoro isso aqui!

Juliana – A situação financeira da sua família não era muito boa. Você disse que, na verdade, não morava na cidade, morava no Cedro. E você e seus oito irmãos começaram a trabalhar cedo por conta da limitação financeira. Quais foram as consequências dessa limitação que acarretaram na sua formação como pessoa?

Rosier – Eu e meus irmãos trabalhamos desde cedo. Eu, com cinco, seis anos, já tinha responsabilidade de acordar cedo e cuidar de bezerro. Meu pai criava vaca, e, enquanto

os maiores iam pegar a vaca no cercado, os menores iam buscar os bezerrinhos, cuidar de uma cabra, de uma ovelha e dar milho pras galinhas. Todo mundo aprendeu a ter responsabilidade desde cedo. O que pra algumas pessoas pode ser trauma: "Ah, porque foi explorado". Eu nunca fui explorado, não foi essa a situação. Pelo contrário, acho que (ter responsabilidade desde cedo) me estimulou muito profissionalmente. (Aprendi) a ter respeito pelos mais velhos, respeito pelo trabalho, valorizar o trabalho, meu pai me ensinou muito isso. O que faltou do lado financeiro nunca faltou de valores morais. Até hoje meu pai é um grande conselheiro, adora bater papo, a gente sempre teve uma conversa muito aberta, e isso influenciou muito na minha personalidade. Influencia até hoje ainda.

Pedro – Você falou a questão de trabalhar, enquanto o pai trabalhava com a vaca, os filhos trabalhavam com o bezerro. Desde muito cedo você trabalhou na roça. Você gostava dessa atividade?

Rosier – A única coisa que não me atraía era porque eu era uma criança e gostava de futebol. Todo dia, no começo do dia e no final do dia, eram dois horários críticos. Eu tinha de ajudar a cuidar (dos animais). Quando meu pai tava tirando leite, eu tinha de estar lá... Nunca, no final de tarde, eu podia estar no futebol. Eu nunca podia tirar férias, porque todo dia eu tinha de tirar leite de vaca. Esse lado eu realmente não gostava, porque eu não tinha aquele dia de folga. Mas o contato com a natureza ou mesmo trabalhar na roça, o tempo que eu capinei, plantei milho e feijão, tudo isso não me deixou trauma nenhum. Eu até me divertia com tudo isso.

Pedro – Posso aproveitar o gancho pra perguntar uma curiosidade que eu tenho? Você falou bastante desse dia a dia, a minha curiosidade é o que era a cidade de Monsenhor Tabosa quando você chegou, em 1971, em termos de estrutura, o que a cidade oferecia ou o que a cidade não oferecia?

Rosier – Vamos fazer o contrário... Hoje, Monsenhor Tabosa, a capital do interior do Estado do Ceará, viu? (Olha para os estudantes rindo). Uma grande metrópole, já tem quase 17 mil habitantes, estou falando de 40 anos depois, e já tem quase 17 mil habitantes (ênfatisando). Naquele tempo (em 1971), eu

O nome do Rosier foi sugerido por Raíssa, que já o havia entrevistado devido ao destaque das escaladas do montanhista na mídia.

A equipe de produção foi formada rapidamente: Raíssa e Roberta. O primeiro contato já demonstrou o quanto Rosier é acessível e simpático. Apesar de o montanhista estar ocupado durante o telefonema, o convite foi aceito de imediato.

A princípio queríamos ir a Monsenhor Tabosa (local onde Rosier viveu uma boa parte da infância) para captar informações com os pais do montanhista. Não conseguimos. Os trabalhos nos fins de semana impediram a nossa viagem.

acredito que devia ter três ou quatro mil habitantes em todo o município. Era uma cidadezinha muito pequena, tinha poucas ruas... Energia elétrica só tinha um motor que funcionava das 18 às 20 horas. Quando davam seis horas (*da noite*), acendia uma luz (*do motor*), então tinha luz nas casas, quando dava 15 pras oito (*da noite*), dava uma piscada (*na luz do motor*), e todo mundo sabia que tinha de correr, acender lamparina, vela, candeieiro ou então dormir mesmo, porque a luz ia apagar e não ia ter energia elétrica. Mas tudo isso eu gostava e continuo gostando. Tenho recordações muito boas da minha infância.

Igor – Rosier, você disse que desde pequeno sempre teve esse contato com a natureza, sempre que podia tinha esse espírito aventureiro. Você lembra se já tentou escalar alguma coisa quando pequeno?

Rosier – Lembro, lembro... Tem tanta história engraçada que daria livro. Pra você ter uma ideia, eu sou o oitavo filho. Os sete primeiros aprenderam a nadar... Meu pai levava a gente pra um sítio e na época chuvosa formava um poço. Ele pegava a molecada e jogava dentro d'água. Você aprendia a nadar se batendo (*risos*). Jogava, literalmente. (*risos*). Meu pai soltava na água e cada um tinha de se bater e sair. Quando ele via: "Afundou realmente, esse não conseguiu se bater para sair da água", ia lá e socorria. Nunca deixou nenhum se afogar (*risos*). Eu aprendi num método muito moderno, pegava duas cabaças de cola, aquelas que tinham um gogozinho, amarrava numa corda e botava debaixo do braço. O problema era que assava na axila, mas era um método super moderno (*risos*).

A gente cresceu subindo em pé de mangueira, cajueiro, sempre brincando com tudo isso. A minha primeira escalada engraçada foi no interior, num caixão de farinha. O que é um caixão de farinha? Hoje a gente tem uma caixa pra colocar água, (*antigamente*) usavam a mesma caixa pra guardar farinha. Essa caixa é feita de madeira, são várias tábuas de madeira empilhadas que fazem um caixote, é a forma que tem de vedar, fechar direitinho e a farinha ficar de um ano pro outro. Eu adorava aquele caixão de farinha, eu gostava do cheiro da farinha e uma vez eu escalei. Meu pai tinha um que devia ter uns três metros de altura, esse caixão era muito grande (*enfaticamente*). E eu escalei segurando o dedinho fino nas tábuas, fui subindo até chegar lá em cima. O problema é que não tinha corda pra descer, quando eu cheguei lá foi que percebi que o problema maior era descer (*risos de todos*). Não sabia se eu gritava, se pedia socorro e eu pensava: "Puxa vida, se eu pular daquilo vou me arrebentar, mas, se eu chamar minha mãe ou meu pai, eu vou levar uma surra por estar em cima do caixão de farinha". Terminei me jogando em cima de um saco, não teve nada de imprevisto.

Meu pai foi morar na cidade (*Monsenhor Tabosa*) em 1971 e até 1976 não tinha água encanada. Na verdade, na minha casa especificamente, até 77 (1977). Então, meu pai construiu um poço e encanou água pra nossa casa, porque até então a gente carregava água em balde, na cabeça. Como o poço era só pra colocar um cano dentro e tirar água, ele era fino, a tampa era estreita, tinha uns 40 centímetros. Um belo dia caiu uma cobra dentro desse poço. Ele percebeu essa cobra

Rosier pediu que enviássemos um e-mail explicando o projeto. Raíssa, aperreada, fala: "Vai, Roberta, anota o e-mail". Roberta e Nayana pegam apressadas uma caneta: "Pronto, pode falar o e-mail". Raíssa diz: "rosier@rosier.com.br".





No caminho da pré-entrevista com Rosier para obter as informações necessárias para a pauta, Raissa se perdeu e ligou para ele pedindo que a ajudasse a encontrar o caminho certo. Raissa teve de seguir o carro do entrevistado para chegar à casa dele.

e me chamou com uma escada (*na mão*): “Ah, vamos tirar essa cobra, senão ela vai morrer, vai estragar a água e vai apodrecer”. Eu disse: “Vamos”. Fui acompanhando, nunca imaginei que aquilo ali ia sobrar pra mim... Quando chegamos lá, ele botou a escada e disse: “Agora desce e pega a cobra!”. Eu disse: “Como eu vou descer e pegar uma cobra? Não, eu não vou não!”. Ele olhou pra mim e falou: “Deixa de moleza, rapaz, pega essa cobra!” (*falando grosso*). Às vezes eu brinco dizendo: “Eu não sei se tinha mais medo da cobra ou dele” (*risos de todos*). Eu falo brincando, porque meu pai é extremamente carinhoso, de nenhuma forma foi estúpido com um filho. Mas era muito firme. Quando dizia: “Faça isso!”, você tinha de fazer. Nesse dia eu tive de entrar e pegar a cobra na mão, foi duro, mas criei coragem. Ele sabia o que tava fazendo, aquela cobra não era venenosa. Na minha cabeça e na cabeça de qualquer criança, olhar pra uma cobra... Uma cobra é um bicho perigoso! Eu descí, agarrei a cobra, não sei nem como, e saí com ela na mão.

João Victor – Especificamente qual a importância daquele menino que nasceu no local onde tem o pico mais alto do Ceará (*Pico do Oeste*) para ser um futuro montanhista?

Rosier – Eu tinha um sonho... É bom explicar direitinho, gente, mas eu sou normal, apesar de ter medo de altura (*risos de todos*). Os aviões militares faziam treinamento e passavam em Monsenhor Tabosa, aqueles aviões a jato superrápidos que, quando você escuta o barulho deles pra um lado, você olha, e eles já estão no outro. Eu ficava olhando aquilo ali e pensava: “Esse cara vê as montanhas lá de cima, ele vê a Terra

toda lá de cima. Seria um sonho voar num troço (*avião*) desses, ainda que um dia ele se trombasse numa montanha, eu morreria feliz.” Não era ideia suicida de bater em um avião, mas eu tinha sonho, paixão por montanha, por paisagem, por aviação, tudo isso me fascinava. Acima de tudo, uma coisa que me chamava atenção era que eu tinha muita vontade de conhecer o mundo, de conhecer as pessoas, os hábitos, como as pessoas viviam do outro lado do mundo.

A situação extrema, a pobreza, foi uma coisa boa para me chocar. Acho que todo mundo tem o direito a viver com dignidade, eu sabia disso desde a infância, não sei de onde veio essa ideia, mas eu sabia que podia fazer muito mais. Eu nasci ali, não podia escolher onde nascer, mas eu podia escolher como eu iria viver. A escola era... Nossa mãe do céu! (*surpreso*). Eu estudava numa escola que a minha professora ia pro quadro, passava um questionário com 20 perguntas, tinha “P” e “R”. Ela colocava pergunta e resposta e dizia: “Menino, vai pra casa, estuda, que daqui a dois dias vai ter prova. Dez dessas aí vão ser a prova”. Bastava decorar aquelas 20 (*questões*) que você tinha garantido o dez. Desenvolver o espírito criativo não tinha nada, espírito crítico nenhum, mas eu sabia que podia compensar aquilo (*a escola de má qualidade*) estudando mais tempo. Nunca dei trabalho pros meus pais pra estudar. Quando eu era moleque, eu pensava que era burro, mas só depois de adulto é que eu fui ter certeza (*risos de todos*). Nasci com uma doença congênita, tenho um probleminha de audição, isso afetava muito e pensava: “Todos os meninos escutam melhor a professo-

Rosier tem oito irmãos e foi o único que se formou. Ele tem dois filhos: Davi e Daniel, que moram com a mãe e passam o fim de semana com ele.

A esposa de Rosier, Danúbia, e o filho mais novo do montanhista, Daniel, também concederam pré-entrevista para a equipe de produção na casa de Rosier. Apesar da timidez, os dois conversaram por mais de uma hora com a produção.

ra, e eu tenho dificuldade de ouvir. Eu sou burro, não consigo aprender, tenho que me esforçar muito mais". Eu sabia que, mesmo não sendo gênio, se eu estudasse bastante, podia compensar tudo isso.

Raiana – Rosier, então como você imaginava que era esse outro mundo que você falou?

Rosier – Raramente eu tinha acesso a revistas. Até revista era difícil, se eu encontrava uma revista, eu ficava foleando, olhando pras fotografias... Nossa! (*surpreso*) Quando eu tinha uns dez, 12 anos, e via uma fotografia de montanha gelada, eu recortava a página e guardava dentro dos meus livros. O único desenho que eu aprendi a fazer até hoje foi de montanha. Meus cadernos de primeiro, segundo e terceiro ano primário são cheios de desenho de montanha, é uma coisa maior do que eu (*risos*). Essas paisagens que eu ficava olhando, (*eu pensava*): "Puxa vida, como deve ser a África, esse lugar onde todas as pessoas são pretas? Como deve ser a Europa, onde as pessoas são mais brancas que os brasileiros, são mais altos..." Eu tinha essa curiosidade, sempre que podia, eu lia alguma coisa e me vinha o sonho: "Será que algum dia eu vou conhecer alguém que escalou uma montanha gelada como essa? Um lugar que é mais frio que uma geladeira? Ele foi lá e voltou vivo pra ele me contar como é que é essa história?".

O tempo foi passando, e, um belo dia, eu vim morar em Fortaleza, já com 16 anos, e comecei a ler alguns livros sobre as expedições a altas montanhas. A partir disso eu comecei a ver: "É uma pessoa comum, como eu, então por que eu não posso experimentar também?" Na verdade, meu sonho era conhecer essa pessoa, mas aquilo ali era meio que uma enganação pra mim. É a teoria da mediocridade: meu sonho era escalar uma montanha, mas se eu conhecesse uma pessoa que escalou, já vou me realizar nela. Na verdade não era isso que eu queria, eu queria escalar montanha!

Raissa – Rosier, você, diferentemente dos seus irmãos, foi o único que conseguiu se formar. Como você conseguiu superar a limitação do interior? O que o fez ser diferente dos seus irmãos e conseguir chegar ao nível de estudo, de interesse que você tem hoje?

Rosier – Primeiro, o fato de ser diferente não quer dizer que eu sou mais ou que eu sou menos. A gente vem pra Terra para uma coisa muito simples: "Ser feliz". Para a gente ser feliz, a gente tem de cumprir a nossa missão. Seja essa vocação ser padre, ser jornalista, ser comerciante, ser seja lá o que for. Pra mim, a felicidade passava pelo caminho que eu segui. Meu pai nunca frequentou

"Eu escalei segurando o dedinho fino nas tábuas, fui subindo até chegar lá em cima. O problema é que não tinha corda pra descer".

uma escola, ele aprendeu a ler e a escrever na areia de um rio, mas é uma pessoa plenamente feliz. Acredito também que todos os meus irmãos estão satisfeitos, do seu jeito, cada um no seu lugar e que estão felizes. É o que me guia: buscar minha felicidade! A felicidade de cada um é diferente.

Agora nem eu sei dizer de onde me veio essa inquietação, essa vontade de fazer mais, de descobrir mais. Por dinheiro nenhum nessa Terra, se você me disser: "Rosier, a gente vai te pagar muito dinheiro, pra você nunca mais viajar pra fora do Brasil, pra você nunca mais querer ler ou conhecer outras culturas". Eu digo: "Me deixa sem dinheiro, me aperta financeiramente, mas me deixa conhecer o mundo... Me deixa conhecer essas pessoas". Porque eu continuo com essa sede de conhecimento, essa vontade de conhecer novas pessoas. Imagina você ir pra Bolívia e conviver com aquele povo tão pobre, tão sofrido, mas ver também como é um povo tão feliz, tão alegre. Você vai para a Tanzânia... Meu Deus! (*surpreso*) A Tanzânia é um povo tão pobre, alimentação é baseada praticamente em banana e batata, são muito pobres mesmo. Mas é um povo tão feliz, te recebe tão bem. A gente vem pra cá (*Terra*) pra ser feliz em primeiro lugar. Logicamente ser feliz com responsabilidade, não é a qualquer preço.

Raissa – A sua felicidade está na montanha?

Rosier – A minha felicidade está na montanha. Eu estava partindo para uma expedição, e uma tia minha virou e disse pra minha mãe: "Tu tá louca? Como é que tu deixa esse menino ir pra aquele lugar onde o povo morre?" Olha a definição que ela tinha das montanhas (*risos de todos*). Bem engraçada essa minha tia, igual ao Seu Lunga (*morador de Juazeiro do Norte, no Ceará, é conhecido pelo temperamento difícil e pela falta de paciência nas respostas*), bem parecida (*risos*). Minha mãe virou e disse: "Eu já fiz de tudo

O filho mais velho de Rosier não pôde participar da pré-entrevista porque estava num campeonato de vôlei. Ele faz parte da seleção cearense de vôlei. Já Daniel está no colégio e gosta de música. Os dois têm o apoio do pai na profissão que escolherem.

para conversar com ele, mas eu vi que, se ele não for fazer essa viagem, ele não vai estar feliz. Então eu quero que ele seja feliz e que Deus o abençoe." Eu nunca vi palavras mais sábias do que essas da minha mãe. A gente precisa ser feliz.

Juliana – Mas ela chegou a impedir?

Rosier – Não...

Juliana – Tentou argumentar?

Rosier – Ah, com certeza. No começo muita gente argumentou. Quando eu falei que ia escalar o Aconcágua (*mais alta montanha da Terra fora da Ásia, localizada na Argentina, possui 6.962 metros*), chocou todo mundo. Até eu fiquei assustado quando vi a reação das pessoas. Imagina um moleque que tinha nascido onde eu nasci, na zona rural, em situação de pobreza absoluta, na caatinga sertaneja, dizer que vai escalar a maior montanha da Terra fora da Ásia? São sete quilômetros de subida, gente! (*ênfaticamente*). Uma montanha com a temperatura negativa o ano inteiro, até no verão a temperatura é de 20º, 30º, 40º C negativo. Assusta muita gente.

Eu cultivo muito o lado espiritual. Tenho muita fé em Deus, mesmo não sendo muito beato... Apesar de ter saído daqui pra Roma pra encontrar o então Papa (*João Paulo II*), hoje eu já não sou mais tão beato. Um belo dia, eu tava em Quixadá (*município do Ceará, localizado há 158 quilômetros de Fortaleza*), entrei no santuário de Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão (*templo católico situado a 12 quilômetros do Centro da cidade de Quixadá*) e pedi a Deus: "Meu Deus, me dá uma luz, será que eu tô fazendo uma coisa louca? Uma coisa insana? Falar em escalar uma montanha tão grande, que assusta todo mundo?" Me ajoelhei uns dez, 15 minutinhos e pedi a Deus uma luz pra isso. Eu dizia: "Se eu tiver certo, que Você me dê força pra continuar. Mas se eu tiver errado que Tu também me dê um sinal, que isso é uma loucura, que o pouco dinheiro que eu tenho pra colocar nessa expedição desapareça, que eu tenha de gastar com outra coisa e não chegue patrocínio também" (*risos*). Quando levantei, alguma coisa mexia comigo mandando eu olhar pro lado e pra cima. Quando eu olhei pro lado, há uns quatro metros de altura, vi uma pequena imagem de uns 40 centímetros, em cima de um pequeno pedestalzinho, e tinha escrito embaixo: Nossa Senhora de Luján, padroeira da Argentina (*risos*). O mundo tem mais de 200 países, eu estou indo pra Argentina escalar uma montanha e eu tenho literalmente no meu nariz (*a imagem da padroeira da Argentina*). Eu acho que se ela caísse, talvez machucasse meu dedo ali embaixo, tava exatamente em cima da minha cabeça. Fiquei olhando e disse: "Meu Deus

do Céu, como é que pode uma coisa dessas? A gente pede um sinal e ele chega assim tão rápido?" Eu chorei de emoção na hora, mas estava com alguns amigos e "macho não chora, né?" (*engrossando a voz*). Você tem de esconder (*risos*). Dali pra frente eu disse: "Pode quem quiser sair da frente (batendo na mesa) que agora eu vou escalar essa montanha, porque a proteção tá vindo lá de cima. A procuração já veio lá de cima, pode escalar que Eu (*Deus*) estou assinando embaixo." Isso pra mim foi muito forte.

Mariana – Rosier, você disse que via o Pico do Oeste (*ponto culminante do Ceará, possui 1.145 metros de altura*) da sua janela e já imaginava que queria aquilo pra sua vida. Como foi a primeira vez que você escalou o Pico do Oeste?

Rosier – Eu não tinha noção de que existia uma profissão pra aquilo (*escalar montanha*), que existia um esporte, que é o montanhismo. Eu sabia que me atraía e eu gostava demais daquilo ali, mas, pra me dedicar profissionalmente, passou muito tempo. Tive vários trabalhos, nossa! Na infância eu comecei cuidando de bezerros, trabalhei na agricultura, meu irmão comprou um cabaré, que eu pensava que era um bar e eu fui gerente desse cabaré por quase um ano. Passei por tanto trabalho engraçado! Só no começo de 97 (1997) é que minha vida mudou, virou de ponta a cabeça, joguei tudo que eu tinha fora e disse: "Eu vou me dedicar agora a uma coisa que eu gosto, que me dá prazer, que eu vou gostar de fazer".

Juliana – Você veio para Fortaleza. De onde surgiu essa ideia? Você não teve traumas ou foi aprendendo a conviver com as adversidades? Como é que foi a vinda pra Fortaleza?

Rosier – Quando estava fazendo a sétima série, eu tinha muita sede de conhecimento, mas Monsenhor Tabosa não tinha segundo

"Eu disse: 'Como eu vou descer e pegar uma cobra? Não, eu não vou não!'. Ele olhou pra mim e falou: 'Deixa de moleza, rapaz, pega essa cobra!'"

Rosier casou novo, com 23 anos, e, logo depois, teve os dois filhos. Durante a pré-entrevista, o montanhista e a segunda esposa, Danúbia, demonstraram vontade de ter filhos.

Nem os filhos, nem a esposa de Rosier demonstram coragem de acompanhar o montanhista nas grandes escaladas. Apesar de praticarem exercício físico, eles confessam que o desgaste é muito grande.

O desgaste da escada é tanto que, de acordo com Rosier, fica difícil comemorar muito ao chegar ao cume, mas durante a expedição pro *Kilimanjaro*, Rosier imitou os humoristas do programa *Pânico na TV* e dançou enquanto falava: "Ah, moleque!".



grau. Infelizmente, para estudar, necessariamente passava pela saída de Monsenhor Tabosa. E o que estudar? Como meu pai nessa época já criava gado e plantava... Para você ter uma ideia de como isso me influenciou, eu vim morar com 16 anos em Fortaleza e fiz seleção para uma escola técnica agrícola (*Escola Agrícola Juvenal de Carvalho, localizada em Pacatuba, município do Ceará*). Na escola, 800 (*candidatos*) se inscreviam para 40 vagas, eram 20 pessoas por vaga. Todos os meus amigos (*disseram*): "Tu tá louco? Tu estudou numa escolinha tão ruim, tu não vai passar numa seleção dessas". Eu disse: "Vou buscar essa vaga pra mim". Me dediquei muito, muito, muito! Meu nível de dedicação compensava a inteligência que eu não tinha e eu fui o décimo terceiro colocado na seleção. Passei na seleção da escola, vim morar em Fortaleza, na casa de uma tia, irmã do meu pai. Na verdade, eu morava na escola técnica de segunda a sexta-feira e o fim de semana eu passava na casa dela (*tia*), era um semi-internato.

Nayana – Como foi a vida no internato?

“(...) Me vinha o sonho: ‘Será que algum dia eu vou conhecer alguém que escalou uma montanha gelada como essa? Um lugar que é mais frio que uma geladeira?’”.

Como foi viver longe dos pais?

Rosier – (*Risos*). Foi duro! Foi muito difícil (*ênfase*). Eu nunca tinha passado 15 dias longe dos meus pais e eu passei três meses sem vê-los. Foram três meses duros pra caramba! O internato é bem parecido com um regime militar, onde tudo é muito duro, você não tem muito a liberdade do seu espaço... Eu gostava da minha privacidade, ter os meus livros arrumados, eu era muito mais organizado do que eu sou hoje. (*No semi-internato*), eu não tinha, eu perdi tudo isso. Nesse internato tinha muriçoca pra caramba, a comida era muito ruim. Na época, eu pesava 62 kg e, nos primeiros três meses, eu voltei a ter 56 kg, fiquei muito magro. Minha irmã, quando veio me visitar em Fortaleza, olhou pras minhas pernas cheias de ferida por conta das picadas de muriçoca e começou a chorar, me abraçando... Na escola técnica agrícola, o aluno do primeiro ano é chamado de “capa-gato”, porque a maioria foge, “escapou o gato” (*risos de todos*). No primeiro ano, a evasão é muito grande, há uma seleção, mas têm aqueles que ficam na fila de espera, esperando que, no primeiro mês, alguém fuja pra que sejam chamados pra essas vagas. Eu sinceramente pensei em desistir, porque o sacrifício era muito grande, passava fome, humilhação... Tinha uma hierarquia: o pessoal do terceiro ano pisava no (*pessoal do*) segundo e no (*pessoal do*) primeiro, e os (*alunos*) do segundo pisavam no primeiro. O primeiro ano era muito massacrado, mas eu parava e pensava: “Se eu quiser alguma coisa pra minha vida, eu não tenho outro caminho”. Meu pai não tinha condições de pagar uma escola particular, não tinha como ser diferente, eu tinha de passar por aquilo ali e eu resisti.

Depois de três meses e meio, eu voltei pra

A escolha do fotógrafo para a entrevista foi fácil. Benjamin Lucas, mais conhecido como Beterraba, estudante do curso de Ciências Sociais, aceitou o nosso convite.

visitar os meus pais, em Monsenhor Tabosa, numa Semana Santa. Tinha chovido muito e não tinha estrada de asfalto pra lá. O ônibus ficava há 31 quilômetros da minha casa... Eu desci do ônibus e disse: "Eu vou pra casa". Andei esses 31 quilômetros, subi a serra ainda, com a mochila superpesada nas costas, no meio de uma chuva... Eu comecei a caminhar oito horas da noite e cheguei quatro horas da manhã na casa de meus pais. As pernas todas inchadas, mas a vontade de voltar pra vê-los era grande pra caramba (*dando ênfase*).

Nayana – A sua ideia era estudar, terminar o segundo grau e voltar pra Monsenhor Tabosa?

Rosier – E voltar pra Monsenhor Tabosa. Eu adorava Monsenhor Tabosa. O fato de querer conhecer o mundo, não era pra fugir de Monsenhor Tabosa. Eu queria conhecer o mundo, mas Monsenhor Tabosa era a minha base. Era a referência que eu tinha. Vim fazer a escola técnica agrícola, mas na escola também tiveram coisas muito boas. Se a pessoa consegue associar o sacrifício a algumas reflexões de vida, ele nos ensina muito. Esse sacrifício todo me fez amadurecer. Eu tinha um professor que era, literalmente, um educador: o Raimundo Cunha. Ele era médico veterinário e destinava todo dia dez a 15 minutos da aula para falar de valores. Ele me fez sonhar muito, me fez valorizar muito mais os estudos e os livros. Nesse período eu comecei a pensar assim: "Muito legal ter vindo fazer essa escola técnica agrícola. Mas existe um curso de Agronomia, existe um curso de Medicina Veterinária que eu posso fazer mais". Ou seja, eu ia descobrindo uma coisa e queria descobrir mais.

Veio outro desafio... Passei a vida inteira estudando no interior, numa escolinha tão

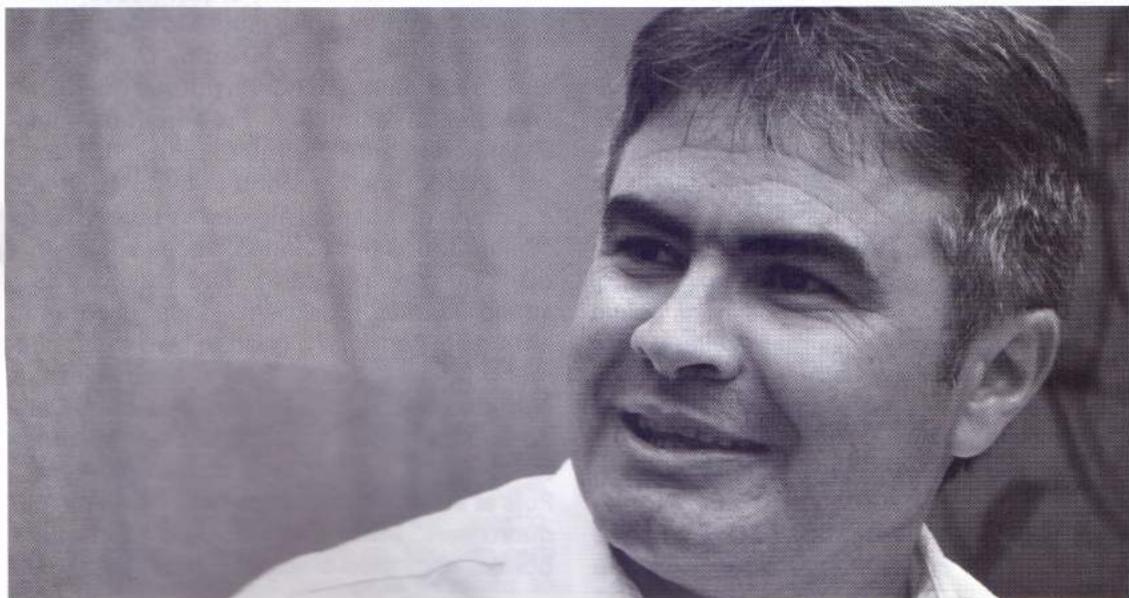
decadente, venho fazer uma escola técnica, como é que eu vou entrar na UFC (*Universidade Federal do Ceará, para o curso de Agronomia*)? Passei seis meses estudando dentro de casa trancado, me "matando" de estudar, porque eu sabia que, se eu me "matasse" de estudar, eu poderia conseguir entrar na última vaga. Foi tão engraçado, no meio do ano (1988), eu me inscrevi no vestibular pra ver como era uma prova de vestibular, porque eu não sabia, não tinha noção de como era. Fiz o vestibular no meio do ano sem ter pressões, sem grandes cobranças, sem ansiedade e acabei sendo aprovado, fui o 24º colocado, foi uma surpresa boa! Fiz a prova, viajei pra Monsenhor Tabosa e minha prima me ligou: "Primo, tu passou (*no vestibular*), tá aqui teu nome". Eu disse: "Tá brincando!". Ela: "Não, tu passou, tá aqui teu nome!". E eu disse: "Não, deve ser nos classificáveis, tem quantos atrás de mim?". Ela: "Não tu tá na ponta! Tu é o vigésimo quarto". Eram 80 vagas, eu nem acreditava, mas sempre me dediquei muito (*ênfase*).

Raiana – Rosier, como foi a experiência de se deparar com o urbano, com a cidade, que era Fortaleza, e com esse conhecimento mais formal, que era o contraponto em relação à cidade do interior e ao ensino que você tinha em Monsenhor Tabosa?

Rosier – Foi muito bom. Veja bem: passei no vestibular em 88 (1988) pra Agronomia, ainda consegui me arrastar por quatro semestres, mas tranquei (*a faculdade*) porque tive de trabalhar. Tinha dias que eu tinha aula de sete horas da manhã às seis da tarde. Eu sou formado em Marketing, não sou formado em Agronomia.

João Victor – Rosier, você falou que sempre foi muito determinado e gostou muito de estudar, tinha muita afeição pelo estudo, mas

Após a pré-entrevista, ligamos várias vezes para Rosier com o objetivo de entregar a ele outras edições da Revista Entrevista, mas nunca dava certo. Os horários sempre estavam comprometidos.



A preparação da pauta foi trabalhosa. Transcrever duas horas de pré-entrevista não foi fácil. Trocamos diversos e-mails entre si, com novidades para incluir na pauta e vídeos sobre Rosier.

Elton Viana, um ex-colega de trabalho de Roberta, ex-aluno da UFC e participante da Revista Entrevista nº 13, a ajudou sugerindo perguntas e concedendo informações sobre Rosier.

como você se sentiu tendo de abandonar o estudo pra poder trabalhar e pagar suas contas?

Rosier – Até hoje eu acho que a gente tem de recuar estrategicamente. Quando eu fiz a primeira escalada ao Aconcágua, eu subi 6.700 metros de altitude e estava apenas a 262 metros para chegar ao cume, quando tive de dar meia volta. Imagina um projeto que você gasta aproximadamente o valor de dois automóveis, não foi com patrocínio, foi dinheiro meu, foi suor meu... Nunca nenhum nordestino tinha ido acima de 4.800 metros e eu fui a 6.700 metros, era um recorde para o Norte/Nordeste. Ainda escutei alguém dizer assim: “Rosier, como você se sente fracassando tão perto do cume?”. Veja quanto pessimismo de alguém dizer uma coisa dessas... Eu não sinto que eu fracassei, foi um sucesso absoluto, mas não adianta você querer uma coisa a qualquer preço. Eu tava com a mão congelada, com o nariz congelado, se eu tivesse ido, poderia ter, no mínimo, perdido os dedos, congelado o nariz, ou até mesmo ter morrido. E aí? E as outras expedições? Eu não faria mais nenhuma, seria só uma vez. Eu corro o risco de morrer, mas a montanha continua lá, então eu preciso pensar: “O lado mais frágil sou eu!”.

A mesma coisa foi quando eu tive de parar de estudar, foi doloroso. Eu parei de estudar por um tempo formalmente, mas eu nunca deixei de estudar em casa. Se tem um investimento que eu faço, é livro, revista, jornal. Eu leio compulsivamente!

Raíssa – A sua vida de Monsenhor Tabosa pra Fortaleza mudou bastante, já era outra rotina de estudo, de trabalho... O que começou a mudar na sua personalidade para que fosse se tornando o “Rosier Montanhista”, o Rosier de hoje em dia?

Rosier – Nada.

Raíssa – Você continua o mesmo?

Rosier – Não mudou absolutamente nada! Eu tive um privilégio muito grande (*de*) nascer em uma casa que só tinha um rádio, não tinha televisão. Quando o rádio não tava ligado (*com*) meu pai escutando o noticiário, a gente ficava à noite sentado na calçada, olhando pras estrelas... Ele apresentando as constelações, contando história de Trancoso e catequizando no melhor sentido de valores, ensinando a gente: “Meu filho, estude, trabalhe pra você ter uma vida mais suave que a minha. Respeite os mais velhos. Seja honesto pra você nunca precisar pensar no que diz, falar o que realmente pensa e o que aconteceu”. Ele dizia: “Olha, o lado bom de você falar a verdade é que você não precisa fazer esforço, basta lembrar o que aconteceu.” Eu não fico pensando: “O que eu disse ontem? Como é que eu vou dizer hoje?” Eu

penso no que aconteceu, então isso vem da minha infância.

Como personalidade... Eu era moleque abusado, saiba? Eu era muito abusado, era encrenqueiro que não acabava mais, porque, quando eu acreditava numa verdade, eu teimava, eu brigava por ela. Até hoje eu sou teimoso, sou muito teimoso. Quando quero uma coisa, alguém tem de provar pra mim que aquilo ali não faz sentido, eu vou atrás, luto por aquilo ali, não desisto fácil em nada que eu quero. Tenho um projeto de vida bem estruturado, todo escrito, (*quando*) uma coisa passa a não fazer sentido eu apago. Não é porque um dia eu tive vontade de fazer isso, que eu vou fazer a qualquer preço. Eu apago aquilo, acrescento outro item e isso passa a ser uma nova meta de vida. Mas se aquilo é meta, eu luto muito por ela, eu trabalho muito por ela.

Desde a infância eu era encrenqueirinho que era danado, nunca fui valente, nunca soube brigar, pelo contrário, apanhava pra caramba no colégio, mas eu defendia com unhas e dentes aquilo que eu acreditava. Meus professores diziam: “Tu sempre foi diferente, cara, na sala de aula, em casa, tu se impunha mais quando tu queria”. Os outros (*alunos*) negociavam, nem que fosse uma falsa negociação. Comigo não tinha falsa negociação, era preto no branco, e o que eu queria eu defendia com unhas e dentes nem que eu pagasse caro por aquilo ali. E eu continuo sendo o mesmo menininho encrenqueiro.

Igor – Você casou bem novo, com 23 anos, e sempre quis conhecer o mundo. Você sempre teve o sonho de formar uma família?

Rosier – Sempre, sempre, sempre, sempre! Eu gostei tanto de casar que casei duas vezes (*risos*). Casar é bom! (*risos de todos*). Na minha família tinham muitos religiosos: padre, pastores, freira... Cresci nesse meio. Eu tinha um primo que tinha a idade próxima à minha e passava as férias na minha casa, ele era seminarista e queria porque queria me levar pra um seminário. Fui coroinha, fui assistente do padre por muito tempo. Um belo dia, o padre me convidou para uma reunião e quando eu cheguei ele deu as boas vindas: “Sejam todos bem vindos, vocês vocacionados”. Eu olhei pro padre, não entendi muito aquilo ali, mas tudo bem. Fiquei esperando a reunião (*terminar*), quando terminou, chamei o padre e disse: “Padre, aconteceu um pequeno equívoco. Isso aqui que eu tô vendo são os vocacionados para ser sacerdote.” E ele: “É, sim, meu filho. É exatamente.” Pois aí eu disse: “É exatamente o que eu não quero ser!” (*risos de todos*). Eu acho muito bonito, com todo o respeito pela igreja, pelo

O momento de apresentação da pauta para o professor e o restante da turma foi tenso. Ronaldinho quase não se pronunciou. Ficamos nervosas, pois não sabíamos se estávamos no caminho certo.

“Meu pai nunca frequentou uma escola, ele aprendeu a ler e a escrever na areia de um rio, mas é uma pessoa plenamente feliz”.

sacerdócio, mas a minha vocação é ser pai, eu nasci pra ser pai, pra casar, pra ter filho, acordar de madrugada com o menino chorando, cuidar de menino, educar, dar carinho em menino, abraçar menino, beijar, essa é a minha vocação. Desde a infância eu sabia disso muito bem. Adoro ser pai, adoro cuidar de casa, sou extremamente caseiro, essa é a minha vida. Adoro cozinhar. Adoro receber os amigos.

Roberta – Você passou muito tempo trabalhando em uma loja de móveis, e ela não deu certo. Por que não deu certo essa ideia?

Rosier – (*Pensativo*). Diabo ruim é você fazer aquilo que você não tem vocação, né? (*risos*). Fazer algo só pelo dinheiro é terrível! Antes da loja de móveis, trabalhei quatro anos num laboratório, eu era representante comercial, foi um aprendizado gigantesco, mas não era o que eu queria pra minha vida, foi uma passagem, assim como também foi a loja de móveis. Na loja de móveis, eu saía de casa de manhã, deixando meus dois filhos dormindo e voltava à noite, meus filhos já estavam dormindo novamente, e eu me perguntei: “O que eu estou fazendo da minha vida? Pra que eu sirvo? Eu não estou vendo meus filhos, eu não estou convivendo com a minha esposa, não estou convivendo com meus amigos e nem estou juntando um monte de dinheiro”. Ainda se eu tivesse juntando esse monte de dinheiro, não era justificativa, porque a gente não vem pra Terra pra ganhar dinheiro, a gente vem pra ser feliz. Foi quando eu resolvi chutar o pau da barraca e disse: “Olha, vou vender essa loja de móveis por qualquer preço, não quero saber”.

Roberta – Você contou que sua vida mudou depois de uma viagem religiosa a Roma. Como aconteceu isso? Por que essa mudança toda?

Pedro – O que aconteceu em Roma?

Rosier – (*Risos*) O que aconteceu em Roma? Nossa, essa foi a curiosidade! (*risos*). O que o papa (*João Paulo II*) me disse, o que ele fez comigo né? (*risos*). Na verdade, eu saí daqui pra Roma, mas terminei não encontrando o papa. Fui ao Vaticano (sede da *Igreja Católica*) algumas vezes, fui pra casa do papa, pra casa de veraneio dele, o congresso foi lá, durou quase um mês. Eu tava me questionando muito: “Eu acho que eu sou um cara legal, gosto de fazer o bem pras pessoas, tô

trabalhando muito, mas não estou feliz, tem alguma coisa errada com isso”. Comecei a me revoltar com Deus, se eu pudesse jogava uma pedra lá no Céu, pra bater na porta Dele e eu dizer: “Desce aqui, Cara, vem conversar comigo, vem me explicar esse negócio aqui, porque tem alguma coisa errada. Eu não mereço isso. Sou um bom pai, sou um bom filho, tenho defeitos como todas as outras pessoas, mas sou um cara muito dedicado, muito família, muito honesto, trabalhador e por que as coisas estão desse jeito?”.

A gente (*participantes do congresso*) teve um dia livre e todo mundo foi passear na cidade, e eu fui sozinho pro vulcão extinto, próximo ao Lago Albano (*pequeno lago da Itália, localizado na região do Lácio, província de Roma*). Nesse passeio eu disse: “Vem cá, Cara, eu não vou mais jogar pedra em Ti, mas vamos bater um papo legal. Me diz o que é que está acontecendo, o que tá errado, eu quero ser feliz. Qual é o preço que eu tenho de pagar? Vamos negociar isso aí direitinho, me dá uma luz, me diz qual caminho eu tenho de percorrer, eu não quero que Você me traga o caminho pronto, mas mostra pra que lado é o caminho”.

Comecei a pensar... Primeiro, qualquer trabalho que a gente faça, acho que tem de fazer um bem pra sociedade. Se ele não faz bem pra sociedade, ele não pode fazer bem pra uma pessoa. Outra coisa, esse negócio tem de ser viável economicamente, se ele

“Imagina um moleque, que tinha nascido onde eu nasci, na zona rural, em situação de pobreza absoluta (...) dizer que vai escalar a maior montanha da Terra fora da Ásia?”

Durante a apresentação da pauta, explicamos o endereço da casa de Rosier para os colegas. Poucas pessoas conheciam a área e todos ficaram com receio de que alguém se perdesse. Foi preciso olhar um mapa na internet para evitar atrasos no dia da entrevista.

Um dia antes da entrevista, Roberta ligou para Rosier para confirmar a entrevista. Muito bem humorado, ele disse que estava tudo certo e nos esperava na casa dele às 14h30.

Roberta falou com Benjamin para confirmar a presença dele para fazer as fotografias. Ele contou que havia torcido o tornozelo, mas isso não era empecilho para que ele fizesse as fotos.



“Na infância eu comecei cuidando de bezerros, trabalhei na agricultura, meu irmão comprou um cabaré, que eu pensava que era um bar e eu fui gerente desse cabaré por quase um ano”.

No dia da entrevista, tudo ocorreu conforme o combinado. Roberta e Benjamin foram à casa de Raíssa. Nayana entrou no carro no caminho, cheia de mapas para que ninguém se perdesse.

não é viável economicamente ele não pode contribuir gerando emprego. Aí eu comecei a me perguntar: “E o mundo da aventura? Eu adoro aventura, adoro as montanhas, adoro remar, pedalar. Quando eu levava meus amigos pra Serra de Maranguape (*serra localizada na Região Metropolitana de Fortaleza, nos municípios de Maranguape e Caucaia*), Pacatuba (*vizinho a Maranguape*), Quixadá (*município a 160 quilômetros de Fortaleza*), eles adoravam, voltavam encantados com aquilo. Será que os caras não pagariam pra fazer aquilo dali? Pagam! Com certeza em algum lugar as pessoas estão pagando pra fazer isso”.

Naquele dia veio o terceiro item, o tripé, fechou a trilogia: “Com certeza eu vou ser o cara mais feliz do mundo trabalhando com turismo de aventura, fazendo essas pessoas felizes, promovendo reflexões de vida, gerando emprego, gerando renda pras pessoas”. De lá (*Roma*), eu liguei pro meu contador e disse: “Pode preparar o contrato social dessa nova empresa”. Eu já tinha conversado com ele há muito tempo, mas sempre com o pé atrás, não me vinha essa certeza e naquele dia ele virou pra mim e me perguntou: “Tu tomou muito vinho hoje, Rosier?” (*risos de todos*). Eu disse: “Não é decisão de bêbado, é decisão de alguém que sabe o que tá fazendo, pode preparar que agora é sério”.

Juliana – Mas, Rosier, você falou que primeiro conversou com Deus na igreja em Quixadá (*Santuário de Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão*) quando estava decidindo escalar montanhas. Agora você falou novamente que teve outra conversa com Deus, apesar de ter se revoltado com Ele. Você considera que tem uma conversa com Ele? Você já escutou?

Rosier – Eu considero, fico muito tranquilo. Nunca tinha escalado nenhuma montanha gelada. Quando fui pro Aconcágua eu sabia que seria fundamental pra fazer essa expedição, escalar outra montanha antes, mais baixa, pra fazer uma aclimação prévia, pro meu corpo começar a reagir, sentir as reações orgânicas à altitude. Aí eu escalei o *Cerro Vallecitos* (*localizado na Argentina*), que é uma montanha de 5.500 metros. Quando cheguei ao cume do *Cerro Vallecitos*, eu encontrei um cruzeiro em cima e uma redomazinha de vidro com uma imagem dentro. Logo que cheguei, tirei foto da paisagem e depois tirei a foto daquela *imagenzinha*, quando eu vi, sabem quem era que estava lá novamente? Vocês suspeitam quem estava lá?

Todos – Nossa Senhora de Louján!

Rosier – Nossa Senhora de Louján, a padroeira da Argentina! E acreditem: quando eu cheguei na base da montanha, perguntei

pra um nativo se ele já tinha escalado aquela montanha, ele disse que tinha. Eu perguntei: "Aqui nas montanhas de vocês sempre tem imagem de santo?" E ele disse: "Na Argentina a única montanha que tem imagem de santo é aquela que você escalou agora. Porque pra cá vêm budistas, vêm espíritas, vêm cristãos, vêm não-cristãos, então nós não colocamos nenhum símbolo religioso". Ou seja, eu não tenho dúvida, isso não é coincidência. São sinais que a gente precisa estar pronto, saber pedir e saber escutar. As revoltas que eu brinco... Nenhuma revolta foi profunda, de raiva, mas de pedir, de ir buscar respostas. Muita gente pede, pergunta, mas faz barulho demais e não se prepara para ter a resposta. A gente precisa também saber ouvir.

Igor – Você falou que não estava sendo feliz, mas como você se preparou na técnica? Porque escalar uma montanha exige técnica, exige preparo, como você se preparou para começar esse negócio?

Rosier – A primeira escalada de montanha gelada foi em dezembro de 2004 (*quando escalou a montanha do Aconcágua, localizada na Argentina, tem 6.962 metros*). Em 1997, quando eu abri a Trilhas no Brasil (*agência de viagens especializada em Turismo de Aventura, ela existe até hoje*), comecei a me dedicar profissionalmente à escalada de rocha. Em tudo o que eu fazia, comecei a botar um olhar profissional. A forma como eu pedalava, como eu remava, como subia montanha, (*aprendi*) a conhecer as melhores mochilas, os melhores equipamentos, as melhores barracas, as cordas, saber fazer um nó, armar barraca... Nesse período eu participei de várias corridas de aventura. No ano 2000 participei da maior corrida de aventura do Brasil sem equipe de apoio (*Desafio Costa do Sol. Rosier participou de duas edições da corrida*), foram 250 quilômetros durante três dias e duas noites, sem parar pra dormir. Então eu já sabia que eu tinha um preparo físico bom, resistência a um esforço extremo, e eu tinha um bom conhecimento no segmento de aventura. Isso também me ajudou bastante pra escalada de gelo. Além de todas as informações técnicas que eu fui buscar.

Roberta – Qual foi a sua primeira grande aventura?

Rosier – A minha primeira grande aventura foi ter nascido onde eu nasci e sobreviver! (*risos dele e de todos*). Várias amigas da minha mãe tiveram 15 filhos, sobreviveu um ou dois. Então isso foi uma grande aventura: ter sobrevivido (*risos*). A segunda grande aventura foi ter conseguido acreditar que eu podia fazer muito mais. Outra grande aventura foi ter vindo pra Fortaleza.

Falando de aventura profissionalmente,

eu fiz várias... No ano 2000, eu fiz a pé o caminho da Estrada Real (*caminhada que refaz o trajeto percorrido pela Coroa Portuguesa no século XVII, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo*), onde atravessei todo o Estado do Rio de Janeiro e uma parte de Minas a pé com a mochila nas costas. Corri duas corridas de aventura, uma com 150 e outra com 250 quilômetros sem parada de repouso (*Desafio Costa do Sol*). De montanha... O primeiro grande desafio foi o Aconcágua, em dezembro de 2004 e janeiro de 2005, quando fiz a primeira expedição. Eu estou falando não é de uma montanha grande, mas é a maior da Terra fora da Ásia, é uma montanha muito grande! (*enfaticamente*). Esse foi o maior marco.

Raíssa – Por que, de todas essas aventuras que você fez desde criança, a montanha foi a que se destacou? Já que você caminhou, fez caiaque, fez a Caminhada Real. Por que montanha, no final das contas, foi a aventura com que você mais se identificou?

Rosier – Continua valendo a mitologia grega: a montanha continua sendo a morada dos deuses. Os deuses têm bom gosto, eles vão morar nos melhores lugares. Então, a mitologia grega diz que, por muito tempo, os homens tentavam escalar as montanhas e não conseguiam. Quando eles começavam a escalar, à medida que eles subiam, os deuses impunham suas mãos e mandavam maldições pra que essas pessoas não conseguissem chegar ao cume. E os homens, por muitos anos, por séculos, talvez milênios, acreditaram nisso. Até descobrirem que, na verdade, à medida que você sobe, o ar vai ficando rarefeito e tem menos oxigênio e você vai sentindo esses efeitos. Não eram bem os deuses nas montanhas mandando desgraça pros homens.

"Minha irmã, quando veio me visitar em Fortaleza, olhou pras minhas pernas cheias de ferida por conta das picadas de muriçoca e começou a chorar, me abraçando"

Ao chegarmos, Rosier nos recebeu com um sorriso no rosto e cada um dos entrevistadores foi apresentado a ele. O montanhista cumprimentou a todos com a simpática costumeira.

O entrevistado estava com a roupa que costuma usar durante entrevistas: blusa branca com os símbolos dos patrocinadores, calça jeans e botas marrons.

A entrevista foi feita ao ar livre, no jardim da casa de Rosier. Pegamos cadeiras e bancos e nos sentamos bem próximos ao entrevistado. Ronaldo ficou mais afastado, fazendo as anotações.



“Me inscrevi no vestibular pra ver como era uma prova de vestibular, porque não tinha noção como era. Fiz o vestibular sem ter pretensões (...) acabei sendo aprovado”

As montanhas continuam sendo um lugar sagrado, um lugar que tem pouca gente, nenhum barulho. São ambientes onde você tem uma paisagem privilegiadíssima. São lugares em que você se encontra. Se você tiver medo de se encontrar, tiver medo de uma terapia, não vai pra montanha que pode ser perigoso. Mas, se você não tiver medo de se encontrar, de pensar, de se questionar, de abrir a sua vida, assim como um “livrão” mesmo: desde aqueles primeiros rabiscos àquelas páginas que você amassou, na montanha você se encontra mesmo pra passar tudo a limpo.

Na cidade grande, a gente tem uma poluição muito grande. São muitos estímulos que a gente tem ao mesmo tempo e isso vai enlouquecendo as pessoas. A gente tem informação demais e eu diria que, ao mesmo tempo, informação de menos. Tanto é que Augusto Cury (*médico, psiquiatra e escritor brasileiro*) fala que homem urbano, homem moderno, nunca teve tantos artifícios, tantos instrumentos pra promover a felicidade, mas, ao mesmo tempo, o homem nunca foi tão infeliz. A gente nunca viu tanta desgraça, tanta catástrofe.

As pessoas da cidade não param muito pra pensar, repetem demais. Alguém apa-

rece na novela fazendo uma bobagem, no dia seguinte todo mundo repete aquela bobagem. Nós estamos muito repetitivos. “Se todo mundo meter a cara na ‘merda’, você vai meter também?”. As pessoas não estão pensando, estão repetindo. E a montanha dá essa oportunidade pra você pensar no que você está fazendo da sua vida. Cada ser humano é diferente. A sua felicidade pode ser o jornalismo. Eu posso ser muito feliz, mas, de repente, se você disser: “Rosier, você vai ser jornalista amanhã”, eu talvez até conseguisse sucesso com isso, mas não necessariamente pra ser feliz tenho de ser jornalista. Então, cada um tem um caminho, mas alguns valores são essenciais pra felicidade: você acreditar em alguma coisa, investir tudo. Porque pra você ser mais um jornalista só porque o William Bonner (*jornalista e apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão*) e a Fátima Bernardes (*jornalista e apresentadora da Rede Globo de Televisão*) ganham rios de dinheiro, “Ah, então também quero ser”, aí você vai se lascar com isso! Você pode dizer assim: “É porque eu tenho vontade, eu gosto, eu acho isso bonito”. Aí sim você tem tudo pra ser um bom jornalista e até ganhar dinheiro e ser feliz com isso.

Raiana – Você passou por várias ativida-

Antes do início da entrevista, Rosier entregou a câmera fotográfica dele para que Benjamin (nosso fotógrafo) também registrasse o momento. Nas montanhas, o entrevistado também registra tudo com fotos e vídeos.

des, por vários empregos e por vários esportes até que você fala desse momento de se encontrar. O que você está buscando e o que você encontrou no momento em que você descobriu isso que você chama de vocação?

Rosier – (*suspira*) Eu não sei se eu encontrei ou se ela me encontrou. Foi um encontro bem engraçado. Na verdade, eu não busco, eu quero ser feliz. Aos 42 anos eu vivi o que poucas pessoas nessa terra aproveitaram nesses anos. Conheci vários continentes, vários países, o mundo, o Brasil de uma ponta a outra, pessoas que são diferentes. Enfim, vivi muito intensamente. Então, eu acho que o que eu podia fazer até os 42 anos eu fiz, muito embora, eu queira viver cem anos. Oscar Niemeyer (*arquiteto brasileiro, que tem como um dos seus principais trabalhos os edifícios públicos de Brasília*) está com 103 (*anos*) e ainda com saúde, trabalhando, acompanhando as obras que ele desenha. Então, eu quero viver muito, mas o que eu busco, o que eu quero é ser feliz. Só isso.

As montanhas me trazem essa paz, me trazem as reflexões de vida, as montanhas me fazem ser uma pessoa melhor, me fazem refletir muito, pensar muito. Eu era muito mais encrenqueiro. Hoje eu encreno um pouquinho menos. Eu aprendi que não basta ter razão, a gente tem de ser feliz. Às vezes, eu queria ter razão a qualquer preço. Não é bem por aí.

Há poucos dias, aconteceu um fato interessante. Eu estou mergulhado no projeto Sete Cumes, que é a escalada da maior montanha de cada continente. Eu já escalei três dessas montanhas e a quarta é um investimento muito alto. Comecei a me perguntar: “Será que eu vou conseguir patrocínio pra tudo isso?”. Eu estava nesse drama de “ah, sei lá, eu vou parar com essa porquieira desse projeto, eu já escalei montanhas de sobra”. Mas eu entrei num supermercado, estava fazendo compras, e um rapaz olhou pra mim e perguntou: “Você é o Rosier Alexandre, o montanhista?”. Eu disse: “Sou”. Ele disse: “Olha, eu assisti a uma palestra sua lá na FIEC (*Federação das Indústrias do Estado do Ceará*) e eu queria lhe agradecer porque voltei pra casa pensando na minha vida. Meus pais pediam muito pra eu estudar e eu não entendia a importância disso. Depois que eu ouvi você falar da sua vida, do seu passado e aonde você chegou, eu passei a me dedicar mais, a estudar mais. Meus pais perceberam isso e disseram: “Agradeço a um cara que nem conheço por você estar estudando mais.” E eu queria lhe agradecer”. Até hoje eu conto essa história e travo a garganta (*se emociona*). Eu saí do supermercado chorando em bicas. É muito legal você

pensar: “Poxa vida! O que você está fazendo na vida está inspirando as pessoas a sonhar, a acreditar nos seus sonhos”.

Nem os próprios professores conseguem falar assim com firmeza para os alunos: “Sonha! Acredita nos seus sonhos que você vai conquistar”. A maioria dos professores não conquistou o sonho deles também: As pessoas não têm coragem de falar de sonhos abertamente. E quando falam, pensam: “Ah, você tem os pés fora do chão”. Você nunca diz para as pessoas sonharem, só sonharem. Eu digo sempre: “Sonhe muito, mas com os pés no chão”. Você vai ter sorte se você estudar até tarde e acordar cedo pra trabalhar. Vale a pena sonhar. Não tem idade pra gente sonhar. Eu acho que a gente envelhece quando para de sonhar. Agora quem é que diz isso? Nossa escola é muito tradicionalista. Eu fico triste quando eu vejo a nossa escola dizendo: “Estude pra passar num concurso”. Droga! Quem disse que eu vou ser feliz se eu passar num concurso? A fórmula é estudar pra ser feliz, pra ser um bom profissional.

A gente não precisa de muito dinheiro pra ser feliz. O dinheiro não é tudo. A felicidade é atitude, é visão. Porque as pessoas têm dinheiro pra caramba e não fazem o que gostam. Você começa a trabalhar pra ganhar dinheiro. “Meu sonho é comprar uma casa, daqui a pouco é comprar um carro, daqui a pouco eu quero trocar o meu carro, trocar minha casa e começo a trabalhar tanto que eu não vejo meus filhos crescerem, não vejo minha esposa, não vejo meus amigos”. O objetivo de vida passa a ser trocar o carro, comprar casa, fazer um monte de bobagem que não traz felicidade. Isso é um problema. Eu acredito muito na felicidade. Todas as pessoas têm direito de ser feliz. A gente tem de buscar a nossa felicidade e tem de contribuir com a felicidade de outras pessoas. Até porque a vida não é um exercício de egoísmo. Quando a gente faz os outros felizes a gente se torna muito mais feliz. Fazer um bem pras pessoas faz um bem muito grande pra gente.

Juliana – Rosier, por que você teve de sair daqui e encontrar esse caminho da montanha, se encontrar no cume da montanha pra ter essa noção da felicidade, da inspiração, da motivação? Por que não aqui?

Rosier – Não é que eu precisei sair. Eu nunca precisei sair. Eu nunca fui infeliz nem na minha infância com toda aquela pobreza miserável. “Ah, Rosier, você escalou o Aconcágua em que ano? Aí nesse ano você passou a ser feliz?”. De jeito nenhum! Eu sempre fui uma pessoa feliz, tranquila com a vida que eu tinha. Mas, se eu sei que eu posso mais, eu vou buscar. Eu sempre gostei de ambiente reflexivo, de montanha. Adoro! Não tenho

A entrevista aconteceu na grama. De vez em quando, éramos interrompidos pelos sons dos passarinhos, mas a proximidade da natureza incomodou alguns, que tentavam escapar do sol e espantar alguns mosquitos.

De acordo com o filho, Rosier sabe separar as montanhas do cotidiano e não fica falando o tempo todo das expedições. Na casa de Rosier, quase não há sinais das escaladas, como fotos ou pinturas de montanhas.

A vontade de perguntar era grande. Quando Rosier terminava uma resposta, vários alunos disputavam a atenção do entrevistado para a próxima pergunta. Todos tinham muitas curiosidades e Rosier respondia sempre com bom humor e com tiradas incríveis.

nenhuma tendência a isolamento, mas alguns momentos de reflexão fazem muito bem pra gente. Essas reflexões de vida não precisam ser necessariamente numa montanha, mas, pra mim, são as montanhas. Eu tenho curiosidade por elas e, pra mim, não tem fronteira. Eu quero escalar, conhecer novas culturas, mas se você me perguntar: "Rosier, se, daqui pra frente, você não tiver dinheiro pra escalar essas montanhas, você vai ser infeliz?". (*Eu respondo*): "De jeito nenhum!". Eu acho que, levando em consideração o lugar de onde eu saí e o que eu fiz, eu estou num lucro muito grande. Mas seria mediocridade também se hoje eu parasse por aqui. Eu estou muito saudável, tenho um bom condicionamento físico e posso continuar sonhando e realizando sonhos maiores a cada dia e inspirando tanta gente.

Pedro – Uma parte do começo desse sonho foi lá no Pico da Neblina (*ponto mais alto do Brasil, localizado no norte do Amazonas*). Uma ocasião em que você chegou a preparar toda a expedição, mas, no final, não ocorreu. O que aconteceu nesse episódio específico?

Rosier – Em 2001, quando eu participei dessa corrida de aventura (*Desafio Costa do Sol*), de três dias sem parar pra dormir, eu mesmo me surpreendi. "Estou bem", pensei. Você tem de estar bem "fortinho" pra fazer isso. Foi quando eu disse: "Eu acho que consigo escalar o Pico da Neblina", que é o ponto culminante do território brasileiro. Eu montei um projeto, fui estudar altitude, localização, cidade mais próxima, toda a logística. Montei um projeto completo, consegui autorização do Ibama (*Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis*), na época era um parque fechado, não recebia visitas, e eu consegui, justifiquei por quê eu queria fazer...Consegui autorização. Faltando menos de dois meses pra partida, vi uma reportagem na TV que os índios yanomamis (*índios que habitam regiões no Brasil e Venezuela. O Pico da Neblina está localizado dentro da Terra Indígena Ianomâmi, na fronteira do Brasil com a Venezuela*) estavam sequestrando montanhista pra tomar mochila, bota, corda ou pra atrair a atenção da FUNAI (*Fundação Nacional do Índio*). Eu respeito a questão indígena, mas se for pra contribuir dessa forma, eu estou fora. Eu tenho um projeto de vida, mas eu não vou morrer a qualquer preço pra fazer aquilo ali. Eu não gosto de risco, apesar de gostar das montanhas. Eu não corro risco, administro o risco. Recuei e disse: "Não vou mais escalar o Pico da Neblina". Foi quando eu comecei a pensar: "Eu quero fazer uma grande aventura, alguma coisa que exija algo mais de mim". Em 2001, 2002, comecei a considerar

Por conta da ansiedade dos alunos, Ronaldo teve de intervir logo no começo da entrevista para instruir os entrevistadores nervosos. O professor pediu calma nas perguntas e disse que o entrevistado poderia ficar à vontade para dar respostas longas.

a escalada do Aconcágua. Eu me preparei de 2001 até 2004 e, só no fim de 2004, que eu materializei a escalada do Aconcágua.

João Victor – Comparando com as aventuras que você já tinha feito anteriormente, essa poderia parecer uma loucura. Como que as pessoas que conviviam com você reagiram, quando você inventou essa?

Rosier – Na verdade, não podia parecer loucura, era mais que uma loucura. No Pico da Neblina, eu iria escalar uma montanha com a temperatura positiva sempre. Eu não ia entrar em temperaturas negativas. Escalar o Aconcágua significava escalar gelo. Era uma montanha onde boa parte dos dias eu estava a uma temperatura de 10, 20 ou até 30°C negativos. Era completamente diferente. Um nordestino pensar: "Uma montanha com 30° negativos?". E como é que sobrevive? Aí é legal! Uma das coisas boas é buscar soluções pra esses problemas que parecem impossíveis. Talvez seja o melhor da expedição. Como o ser humano sobrevive àquilo ali? Com que tipo de roupa, de calçado, de alimentação? Todo o planejamento é muito gostoso. Adoro essa parte!

João Victor – Mas você recebeu apoio nessa primeira aventura?

Rosier – Recebi o apoio de todo mundo desconfiado de mim e eu falei que, por isso, eu tinha de me preparar duplamente. Porque qualquer coisa que desse errado alguém ia dizer assim: "Eu não disse? Eu não falei?" (*risos*). Isso me estimulava muito mais a me preparar porque eu sabia que não podia errar.

Igor – Por que o Aconcágua?

Rosier – É um grande ícone. É a maior montanha da Terra fora da Ásia e é a maior da América do Sul. Ela está aqui pertinho do Brasil. Depois (*de escalar o Aconcágua*) eu fui descobrir que todas as pessoas que que-

"Eu tava com a mão congelada, com o nariz congelado, se eu tivesse ido, poderia ter, no mínimo, perdido os dedos, congelado o nariz, ou até mesmo ter morrido"

rem escalar o Everest (*é a montanha mais alta do mundo. Está localizado na cordilheira do Himalaia, entre a fronteira do Nepal e do Tibete, na China*), tem como última prova o Aconcágua. Gente do mundo inteiro quer escalar o Aconcágua. E eu já lia sobre o Aconcágua e tinha essa curiosidade. Então, a escolha foi por isso.

Mariana – Nessa época, você já tinha o projeto Sete Cumes?

Rosier – Nem pensava. Não sabia nem o que era isso. Como surgiu o projeto Sete Cumes? Em 2004, eu fiz a primeira expedição pro Aconcágua. Foi muito legal a experiência, mas não cheguei ao cume. Eu voltei aqui com uma sensação muito boa porque, afinal de contas, eu tinha chegado a 6.700 metros de altitude. Pra você ter uma ideia, até janeiro de 2005, o lugar mais alto em que um nordestino tinha botado os pés era 4.800 metros. E eu, na primeira expedição, fui a 6.700 metros, mas o que eu queria era chegar ao cume. Passei mais um ano me preparando e, em dezembro de 2005, janeiro de 2006, eu fiz uma nova expedição pro Aconcágua.

No primeiro ano eu tinha mandado o projeto pra várias empresas e ninguém quis saber de me apoiar, inclusive o Governo do Estado. Logo que eu cheguei (*do Aconcágua*) e saí em todos os canais de televisão, o governador (*Cid Gomes*) me ligou e me convidou pra ir ao palácio: “Olha, Rosier, estou muito orgulhoso de você, gostaria de recebê-lo no palácio”. As pessoas mais próximas me disseram: “Que engraçado, né? Dois meses antes, 45 dias atrás, o projeto tava lá na mesa dele e ele não quis nem saber, não te apoiou, não tinha nenhum orgulho e agora está todo orgulhoso, né?” (*risos*) Depois da onça morta, todo cachorro é valente. As pessoas me disseram: “Bom, se eu fosse você, eu não ia”.

Mas eu fui porque, afinal de contas, eu tenho que ter respeito. Votando ou não, gostando ou não. Ele é o governador do Estado, está querendo me receber, fazer uma condecoração e aí eu fui. Foi interessante porque ele ficou encantado com as fotos, com os vídeos e ele disse: “Rosier, se você ainda voltar pras montanhas, nós vamos lhe apoiar”. E, no ano seguinte, quando eu fiz a segunda expedição, eu já fui levando a marca do Governo do Estado. E lá estava a bandeira do Estado do Ceará chegando ao cume do Aconcágua. O que eu aprendi com isso foi: sempre que você pensar em reconhecimento, em apoio, primeiro, mostre resultados. Onde tem resultado, tem reconhecimento, mas, às vezes, as pessoas querem muito reconhecimento antes do resultado.

João Victor – Mas e os Setes Cumes?

Rosier – Veja bem, isso foi o Aconcágua. Em 2006, voltei e pensei: “Escalei o Aconcágua, a maior montanha da Terra (*fora da Ásia*)”. Depois que eu cheguei, descobri que nenhum nordestino tinha chegado lá. Poucos brasileiros escalaram essa montanha, ela tem uma energia, uma força muito legal. Nessas duas expedições do Aconcágua, eu conheci outras pessoas que me falaram que tinham vontade de escalar o maior vulcão da terra, que é o *Ojos Del Salado* (*vulcão mais alto do mundo e a segunda montanha mais alta da América do Sul. Está localizado na fronteira entre Argentina e Chile*), no meio do deserto do Atacama. Bom, o Atacama (*é considerado o deserto mais alto e mais árido do mundo. Está localizado entre a região norte do Chile até a fronteira com o Peru, tem cerca de 1000 km de extensão*) é outra coisa que eu já tinha paixão há muito tempo. Eu tinha muita curiosidade pelo deserto.

Quando eu voltei, já voltei pensando: “E

As duas horas de entrevista correram e, com a proximidade do fim, a produção começou a ficar preocupada com alguns assuntos que ainda não tinham sido abordados. Raissa teve de interromper a turma e pedir para fazer a última pergunta.



Rosier notou o interesse dos alunos em prolongar a entrevista e, gentilmente, ofereceu mais tempo. Apesar da empolgação, a produção decidiu manter o horário combinado e encerrar a entrevista.

Ao final da entrevista, Rosier perguntou: "Alguém aceita refrigerante com biscoitinhos?". Danúbia serviu a turma, que ainda ficou conversando com Rosier e descobrindo amigos em comum.

agora, Rosier? Você vai se acomodar só porque você escalou o Aconcágua? Você não vai se acomodar!". Eu quero conhecer o mundo, o mundo não tem fronteiras. Decidi escalar esse vulcão e, quando eu voltei pro Brasil, já vinha rabiscando o projeto no avião. Cheguei fazendo barulho, falando do *Ojos Del Salado*, me preparando. Em fevereiro de 2008, eu fiz a primeira expedição pra um vulcão. Novamente, não cheguei ao cume da primeira vez. Congelei. Foi uma catástrofe. Voltei pro Brasil e passei mais um ano me preparando e, em janeiro de 2009, voltei pro vulcão e, no dia 26 de janeiro, estava abrindo a nossa bandeira em cima do maior vulcão da Terra.

Eu já tinha escalado no Peru, na Bolívia, no Chile, na Argentina... Eu descobri que muito melhor do que escalar uma montanha era conhecer as pessoas, conhecer as características (*do lugar*). Além disso, tinha a montanha. A montanha era uma desculpa a mais e as pessoas eram mais uma desculpa. Uma coisa ia puxando a outra. Eu comecei a me perguntar: "Cara, será que eu conseguiria escalar a maior montanha de cada continente?". Eu já conhecia o projeto Sete Cumes, eu já tinha lido alguma coisa do Dick Bass (*norte-americano que foi o primeiro do mundo a escalar, em 1985, as montanhas mais altas de cada continente*), um maluco americano que foi o primeiro a escalar o Sete Cumes. E pensei: "Pô, legal isso. Acho que eu vou escalar". Em 2010, eu fiz a primeira expedição. Em 2009, foi que eu comecei realmente a falar: "O Rosier vai escalar os Sete Cumes".

Juliana – Tanto no Aconcágua quanto no *Ojos Del Salado*, que foram as grandes aventuras de escalada, você ficou com dedos congelados, nariz congelado. Você sentiu medo de morrer?

Rosier – (*suspira e fica um pouco em silêncio*) Não! Eu não tenho medo de morrer. Eu tenho medo de morrer num domingo em casa, assistindo (*ao*) Gugu (*Antônio Augusto de Moraes Liberato, o Gugu Liberato é apresentador de televisão, empresário e cantor brasileiro*). Acho que seria uma morte trágica (*risos*). Eu sou muito otimista. Já passei por alguns acidentes graves de carro e sobrevivi. Já passei por situações de risco na montanha, já vi várias mortes, socorri gente em situações de muito risco. Agora, eu sabia que, se continuasse, eu assumiria um risco muito grande e tinha grande probabilidade de morrer. Eu não quero morrer. Eu sou movido a coragem, mas a coragem é a vontade de viver, não o medo de morrer. Parece um oposto, mas não é. Pra mim é um paralelo. Às vezes, as pessoas são movidas pelo medo. Eu posso sonhar com o Céu pelo medo do inferno. Tem muita gente que só fala no Céu,

mas alguns padres, antigamente, vendiam o Céu pelo medo do inferno: "Eu vou pro Céu com medo do inferno". Eu penso: "Não vou pra nenhum lugar por medo do outro lado. Eu vou porque eu tenho vontade de ir pro Céu, porque eu tenho vontade de ir pra montanha." Eu não tenho medo de morrer, minha vontade de viver que é grande. Logicamente, isso tem de ser com os pés no chão. Então, eu procuro ter muito cuidado e muita prudência.

Tanto no Aconcágua quanto no *Ojos Del Salado*, se eu continuasse, não era seguro. Quando eu escalei a maior montanha da Europa, o Elbrus (*maior montanha da região do Cáucaso, possui 5.642 metros de altura*), na Rússia, passei por situação de extremo risco, mas eu estava tranquilo, confiante, seguro e preparado para aquilo ali. Eu fiz e deu certo. Eu tenho medo de altura! Parece brincadeira, né?! (*risos gerais*) Mas eu tenho medo de altura. Escalar é uma coisa que só faço quando eu estou plenamente seguro. Tenho de ter bons equipamentos, uma boa roupa, minhas cordas. Mas se me disserem: "Vamos?", eu não saio loucamente por aí pra cima de nenhuma montanha. Nada na vida vale desse jeito.

João Victor – Você se arrepende de algum risco que você já correu?

Rosier – Não. Não tenho nenhum arrependimento da vida e nem das montanhas. Eu cometi um erro uma vez. Eu tinha estudado muito fisiologia esportiva, eu sabia que o organismo humano não consegue se aclimatar mais de 400 metros por dia a partir de 3 mil metros de altitude. Pra dar tempo para o seu organismo se aclimatar, são 400 metros por dia. E um belo dia que conheci um grupo de argentinos e eu saí de 3 mil para 4.300 (*metros de altitude*), passei dois dias e duas noites com uma dor de cabeça extrema. Minhas mãos e meus pés incharam. Eu tive um edema periférico, que é o mais suave, mas que também mata, graças a um erro. Eu sabia que não podia, mas fui pela emoção e cometi esse erro. Mas foi bom até porque, se isso tivesse acontecido no Aconcágua, as consequências teriam sido muito piores. Foi o local certo para eu aprender e me ensinar para sempre.

Eu não tenho nenhum arrependimento na vida. O que poderia ser melhor na minha vida? Talvez se meu pai tivesse morado em Fortaleza e eu tivesse estudado numa boa escola desde a infância. Mas eu não sei até que ponto, se eu tivesse tido tudo isso, se eu não teria me acomodado. Acho que o contraste onde eu nasci me chocou mais, me impulsionou até mais. Não tenho arrependimento nenhum.

Mariana – Você falou que, na primeira vez que escalou o Aconcágua, você não

Rosier tem o mesmo nome do pai. É um nome francês que significa "homem que vende rosas". Apesar de ser um nome complicado, Rosier confessa que tem a vantagem de não ser confundido, já que é difícil encontrar outro "Rosier" no Ceará.

conseguiu chegar ao cume. Além do Aconcágua, teve o *Ojos Del Salado*, que você não conseguiu chegar. Você só pensa pelo lado bom? Não dá um sentimento de tristeza também por conta de não conseguir chegar?

Rosier – Com certeza. Não posso chegar e dizer: “Isso é tranquilo. Não cheguei ao cume, mas é tranquilo”. Não é tranquilo. Eu tenho de saber lidar com isso. É perdendo que a gente aprende a ganhar. Quem não sabe perder, não sabe ganhar. Não é fácil lidar (*com a perda*). Vem trauma, revolta. Poxa vida, um ano de preparação. Eu voltei do McKinley (*localizado no Alasca, possui 6.194 metros de altura*) maior montanha da América do Norte, a 63 metros do cume. Sabe o que são 63 metros? Sessenta e três metros é um prédio de 15 andares. Eu estava olhando pro cume! Mas eu estava congelando, no meio de uma tempestade gigantesca. Se eu fosse, certamente, eu teria congelado e não tinha voltado pra minha família. Não tinha nem como a família ver o cadáver. Tem certas horas que você tem de olhar pelo lado positivo, tem de fazer jogo do contente, da *Pollyanna* (*romance considerado um clássico da literatura infanto-juvenil de Eleanor H. Porter, publicado em 1913*). Eu tenho de escalar, mas eu tenho de escalar com segurança. Eu tenho de ir, mas tenho de voltar. O cume é opcional, mas voltar com vida é obrigatório. Até porque a montanha continua lá. Eu posso voltar uma segunda, terceira e quarta vez. Se eu fizer uma bobagem, eu só faço uma vez.

Qual é o percentual de pessoas que vão pra uma montanha de 6.194 metros, como o McKinley, e chegam lá? Em média, o cara faz três ou quatro expedições para chegar uma no cume. Eu tenho um índice de cume de 70% das montanhas que eu escalei. Um índice altíssimo, perfeito. Se eu for olhar para uma que eu não consegui, é ser um pessimista que olha para um errinho e não vê tantas conquistas que teve. Tem uma série de recursos para aprender a lidar com isso. .

Roberta – Você falou do livro *Pollyanna*, que fala muito de felicidade. Você se baseia nesse livro na sua vida, de sempre olhar as coisas pelo lado bom?

Raiana – Tem o jogo do contente (*filosofia de vida de Pollyanna, que consiste em uma atitude otimista de encontrar algo para se estar contente em qualquer situação*)?

Rosier – O jogo do contente faz parte da vida das pessoas. Não é que você vai pegar aquilo ali e seguir cegamente. Mas *Pollyanna* e *O Pequeno Príncipe* (*romance do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, publicado em 1943 nos Estados Unidos*) são dois livros que foram escritos pra adultos, não pra criança. Por incrível que pareça. Acho que todos

nós temos de ter aqueles livros na cabeceira e ler porque a grande desgraça do ser humano é deixar morrer a criança que tem dentro dele. Quando a gente deixa de ser criança, a gente passa a julgar muito. *O Pequeno Príncipe*, por exemplo, fala muito isso. Quando as pessoas se conhecem, falam assim: “Quanto é que custou o seu carro? Sua casa? Qual o tamanho da sua casa? O seu pai ganha quanto? O que seu pai faz?”. A gente não diz: “O que seu pai gosta de fazer? Ele gosta de ir à praia? Você escala? Você já acampou com o seu pai?”. As pessoas não têm esse interesse de saber o que as pessoas fazem ou são, mas de saber o que elas têm. A gente começa a escolher pelas roupas, pelas joias, enfim, vamos muito pela casca. Esses dois livros falam muito disso porque falam da essência das pessoas. É isso que falta. Eu aprendi isso com meu pai desde a infância. Depois, eu conheci esses livros, *O Pequeno Príncipe* e *Pollyanna* e eles vieram confirmar o que eu tinha aprendido na infância e na adolescência.

Igor – Conta pra gente como é que você se prepara psicologicamente e fisicamente até chegar à montanha e escalar?

Rosier – Ultimamente, eu venho fazendo duas expedições por ano. Eu vou pra uma expedição que dura em torno de vinte dias. Quando eu volto de uma expedição como essa, tenho um desgaste orgânico muito grande e o corpo fica extremamente frágil, propenso à doença. Eu tenho de descansar



Após a entrevista, durante o lanche, Rosier descobriu que conhecia o pai de Pedro, conhecido por “Antônio Pulga”. Os familiares do aluno moravam em Monsenhor Tabosa.

Roberta entregou edições anteriores da Revista Entrevista. Em uma delas, Rosier reconheceu Rodger Rogério (cantor e compositor). Ele havia sido professor de Física do montanhista.

Rosier possui duas empresas: Trilhas do Brasil e TBC, ambas especializadas em aventura. Danúbia, esposa de Rosier, é sócia das empresas e cuida dos negócios enquanto ele faz as expedições.

pelo menos por um mês pra recuperação orgânica e, a partir desse mês, eu já volto a treinar intensamente, me preparando pra expedição seguinte. Eu só dou aquele repouso médico mesmo. Com relação à preparação psicológica, é o dia a dia. Todo dia estou me preparando, estou vendo um detalhe burocrático. Eu vivo um pouco da expedição todo dia.

Raiana – Você falou de muitos momentos de adversidade quando está escalando e dá a impressão de que é algo muito difícil, muito desgastante. O que tem de melhor em escalar? É o momento da escalada? É o momento de chegada ao cume? É a relação que se estabelece com as pessoas? Em frente a todos esses desgastes, por que vale a pena?

João Victor – Eu queria saber qual é o prazer.

Rosier – Primeiro ponto: existe um desgaste sobre-humano. Eu não sou um ser humano maior do que qualquer um. Qualquer um de vocês, se quiser, se tiver o mesmo nível de determinação, treinar o mesmo número de horas, talvez consiga muito mais do que o que eu consegui. Não tem nada de super-humano no que eu fiz. Não tenho nada de super-homem. Realmente, o esforço pra escalar uma montanha acima de cinco, seis mil metros é sobre-humano, é um desgaste muito grande. Você passa muito tempo se preparando e se recuperando. Você faz um sacrifício muito grande na montanha. Tem o isolamento, o nível de risco, a pressão psicológica. Mas tem o prazer da conquista, desde o começo do planejamento, quando eu estabeleço uma meta: vou escalar a montanha tal. Qual a característica, que país ela está, qual o idioma, o que eu preciso pra escalar, o tipo de roupa, alimentação, melhor época do ano, quais foram os riscos, quem já escalou, qual é o livro que eu devo ler, as revistas, que tipo de treinamento. Tem montanha que eu preciso puxar trenó no gelo por três, quatro, cinco dias seguidos só pra chegar na base da montanha. Então, eu tenho de fazer um treino específico pra ela. Tem montanha que eu passo por paredes de gelo pra poder subir. Tem montanha que não precisa de corda, não tem parede de gelo. Cada montanha tem um planejamento diferente.

Tem também o prazer da conquista. Você colocar os pés no lugar onde você fica imaginando: “Pouca gente chegou aqui”, é muito gostoso. É natural que você tenha vaidades, você tem um ego. Depois, você descobre que colocou os pés no cume da montanha e foi o primeiro montanhista do Norte e Nordeste brasileiro a chegar lá. Quantos outros tentaram e não conseguiram e eu fui o primeiro. É muito gostoso! Em torno de 200 pessoas na Terra escalaram os Sete Cumes, só um brasi-

leiro. E tem mais do que meia dúzia tentando e você pensa que só pessoas especiais conseguem. Quem são essas pessoas especiais? O Rosier? É! Hoje é o Rosier também. Mas são todas as pessoas que acreditam nos seus sonhos seja escalando as montanhas, seja escalando os desafios profissionais de cada um.

Nayana – O que significa chegar ao cume? O que passa pela sua cabeça?

Rosier – Passa muita coisa boa. Missão cumprida. Eu vibro *pra caramba*. Minha caixa fica cheia de e-mail de pessoas felizes vibrando, mandando mensagens do Brasil inteiro, todos os Estados vibrando por aquele nordestino que estava escalando.

Mas a descarga de adrenalina no cume não costuma acontecer por conta do episódio da descida, que é um risco muito grande. Isso vai se dando em doses homeopáticas. Depois que eu desço, cada vez que eu falo, revejo as fotos, que eu conto pra alguém, a ficha vai caindo. Semana passada, um amigo meu me perguntou assim: “Rosier, você tem ideia do que você vem fazendo pro Brasil, pro Ceará, para os nordestinos?” É muito bom, tem uma importância muito grande. Mexe com a autoestima de muita gente. Eu com certeza fico muito feliz com isso.

João Victor – Rosier, a gente sabe de um caso nos anos 90, que aconteceu entre dois montanhistas brasileiros: o Waldemar Niclevicz (*alpinista que foi o primeiro brasileiro a escalar o Everest, juntamente com Mozart Catão*) e Mozart Catão (*alpinista brasileiro que morreu numa avalanche ao tentar escalar o Aconcágua pela face sul, a mais perigosa*), que disputavam a quantidade de cumes que atingiam. Inclusive o Mozart Catão acabou morrendo em uma das expedições. Existe esse espírito de disputa no montanhismo?

Rosier – Existe. Em todos os mercados existem. Eu, pessoalmente, não estou competindo com A, nem B, nem C. Hoje só um brasileiro escalou o Sete Cumes. Eu sou um que estou na corrida, mas também não me importo se, daqui a pouco, duas, três ou quatro pessoas escalarem e eu for o quarto, quinto. Eu quero chegar ao cume. Não estou competindo com nenhuma outra pessoa. Eu não vejo sentimento de jogada de marketing de quem vai chegar ao cume primeiro.

Juliana – Você diz que cada montanha tem o seu segredo. Mas como você se prepara para o imprevisto?

Rosier – Na verdade, tem pouco imprevisto na montanha. Quando você planeja bem, quase não tem imprevisto. Vai ter situação indesejada. O que é uma situação indesejada numa montanha? É você cair numa

Durante a pré-entrevista, a produção notou a relação de amizade que Rosier tem com os filhos. Além do bom relacionamento entre Rosier, Davi e Daniel; Danúbia, a madrastra dos rapazes, também demonstrou grande carinho pelos enteados.

“Eu era muito abusado, era encrenqueiro que não acabava mais, porque, quando eu acreditava numa verdade, eu teimava, eu brigava por ela. Até hoje eu sou teimoso”

greta de gelo, é uma tempestade de neve, é uma avalanche, é o tempo ficar fechado por muitos dias com rajadas de vento. Tudo isso é indesejado e muita gente diz: “Ah, teve um imprevisto”, mas isso é plenamente previsível. Na montanha, tem um período que tem mais probabilidade e menos probabilidade de chover. No planejamento, tudo isso tem de estar contemplado. Não cabe muito essa história de imprevisto. Imprevisto na montanha, na maioria das vezes, é falta de planejamento. Tem o indesejado, que é uma avalanche. Eu não quero uma avalanche, mas eu sei que ela pode acontecer. É indesejado cair numa greta de gelo. Eu ando “encordado” com outras pessoas para, se eu cair, eles poderem me salvar ou, se outro cair, eu poder salvá-lo. Isso (*cair*) é indesejado, mas é previsível que isso aconteça. Quando você planeja bem, você consegue, praticamente, tirar toda essa história de imprevistos.

Roberta – Quando você viaja sua esposa e seus filhos ficam aqui. Como é deixá-los?

Rosier – É duro! É difícil porque, por um lado estão todos aqui pensando: “Ah, o cara está indo para montanha, é um risco muito grande”. Mas eu sei o que eu estou fazendo, me envolvo de corpo e alma, estou com a cabeça muito ocupada, apesar de não tirá-los da cabeça em momento algum, mas eu sei que eles continuam na mesma rotina e estão indo para o mesmo lugar todo dia. Minha esposa todo dia olha, me vê em todos os lugares dentro de casa, mas eu não estou aqui e fica aquela pergunta: “Como é que ele está?”. Quase sempre eu levo telefonia por satélite, mas nessa última expedição (*para o Elbrus, em agosto de 2011*), eu não consegui levar e fiquei dez dias sem contato. Foi muito duro, chorei algumas vezes. Eu queria poder confortá-los e dizer: “Eu estou vivo, eu estou bem, estou com saúde, só não tenho como dar notícias”. É muito doloroso. É o lado mais pesado. Quando eu saio do aeroporto, me seguro ao máximo na frente deles, mas quando eu entro na sala de embarque, eu desabo, choro. Não tem como não chorar. Eu sou muito emotivo, sou grudento com minha família, com todo mundo, abraço muito beijo, sou muito bricalhão. Isso doi.

João Victor – Eles aceitam e apoiam?

Rosier – Aceitam e apoiam. Eles entendem bem e confiam muito em mim. Porque eles me conhecem, já escalaram rocha comigo em Quixadá. De certa forma não é uma coisa nova para eles, eles sabem que eu me preparo muito, tem um nível de confiança muito grande em mim, mas isso não quer dizer que eles não sofram. Eles sofrem *pra caramba*. O meu (*filho*) mais novo é pegajoso demais, grudento demais comigo, então é minha alma gêmea e sofre muito mais ainda. Não tem como ser diferente, é a natureza, eu adoro isso e eles sabem que se eu não for para montanha eu não vou estar feliz e eles também não vão estar felizes.

Roberta – Quais são os seus defeitos? Em que ponto você acha que falha?

Rosier – (*Risos*) Ai eu preciso de dois dias para falar isso (*risos*). É difícil falar dos meus defeitos. Eu tenho muito a melhorar, às vezes eu tenho rotação muito alta, às vezes atropelo as coisas em busca dos meus sonhos, não de forma consciente, mas a pressa, a velocidade, eu ando numa velocidade rápida e quero arrastar todo mundo nessa velocidade. Às vezes eu machuco, depois volto atrás. Mas eu aprendi a pedir desculpas às pessoas, até pros meus filhos. Desde a infância, quando eu fazia as coisas meio atravessadas, voltava e pedia desculpa a qualquer pessoa.

As montanhas me ensinaram a planejar muito, a refletir, a parar para pensar. Eu aprendi que, se eu esperar uma noite de sono, uma reflexão, no dia seguinte eu vou conversar de outra forma. Esperar baixar a poeira para resolver essas coisas. As montanhas me ensinaram bastante nesse sentido.

Nayana – O que o deixa desestimulado? O que tira sua motivação?

Igor Gadelha – Você fala muito em exemplo de coragem. Tem alguma coisa que o deixa desestimulado?

Rosier – Às vezes, quando eu vejo injustiça, eu sofro muito. Nunca aprendi a lidar com um nível de injustiça social em que a gente vive no Brasil, mas pouca coisa me desestimula. Por exemplo, buscar patrocínio é um desafio muito grande. Escalar montanha é fácil, difícil é arrumar dinheiro para escalar montanha. A escalada mais difícil é a financeira. Sinceramente, eu não gosto de falar de

Durante a infância, Rosier jogou muito futebol. Ele dizia que sempre arranjava um tempinho pra jogar com os amigos, em Monsenhor Tabosa.

Durante a pré-entrevista, Danúbia, esposa de Rosier, disse que ele tem mania de perfeição e é muito inquieto, não desiste fácil dos objetivos.

Além de destacar qualidades como determinação e motivação, Daniel e Danúbia ressaltaram durante a pré-entrevista o humor de Rosier. De acordo com Danúbia, Rosier "perde o amigo, mas não perde a piada".

dinheiro. Eu não gosto de dinheiro. Eu não preciso de dinheiro. Eu preciso de uma casa para morar, preciso de um transporte para me locomover. Se alguém me der uma casa, transporte e o supermercado, basta. Na verdade, dinheiro é um instrumento.

Raíssa – A sua história é um grande exemplo de superação, de motivação e as pessoas se espelham muito nisso. A gente teve oportunidade de conversar com o seu filho e com a Danúbia, sua esposa, você serve de exemplo pra eles, como também você mesmo contou no começo da entrevista que as pessoas vêm procurá-lo pra dizer que você serve de exemplo. Como é servir de exemplo, como é ser essa pessoa que estimula os outros?

Rosier – É difícil, não é bem assim. A pergunta é pesada, é profunda. Eu não me acho um exemplo. É bom que se saiba disso. Mas uma série de atitudes que eu tenho serve de exemplo. Toda as pessoas falham e todas vão falhar ainda. Eu também tenho muitas falhas. Mas eu pergunto muito pras pessoas, falo muito com meus filhos: "O que eu poderia fazer pra ser um pai melhor? Se vocês pudessem mudar alguma coisa em mim, o que seria?".

Eu não acho que eu seja um modelo, mas talvez a minha atitude de ter saído de onde eu saí e ter chegado aonde eu cheguei é uma experiência que serve de modelo pra muita gente. Se aquele molequinho que, com dez anos de vida, nunca comeu num prato, nunca teve uma roupa dele... Aos dez anos, eu não tinha uma mesa, comia no chão, numa latinha de doce. E eu conquistei o que eu conquistei na vida e passei a fazer o que eu faço, o que mostra que, qualquer ser humano, se ele tiver determinação, conquista uma vida com dignidade. Pra ser feliz a gente não precisa de um império. Pra ser feliz, precisamos ter atitude pra conquistar dignidade, ter uma casa pra morar, um

transporte pra se locomover e um trabalho pra pagar suas contas. Isso não é uma coisa de outro mundo. É uma atitude, não é o Rosier. Porque amanhã, de repente, pode ser que eu faça uma bobagem e as pessoas se decepcionem. Eu posso decepcionar as pessoas, eu posso mudar, mas o que eu fiz já está escrito na história, isso é uma atitude prática. A minha experiência de vida serve pra qualquer pessoa. Arregace as mangas, trabalhe, estude, que você vai conquistar.

Raíssa – E como é tocar as pessoas dessa forma?

Rosier – É uma responsabilidade grande. Porque eu sei que as pessoas olham pra mim, se inspiram, existe aquela coisa de herói, mas eu não tenho nada de heroico, eu planejo bem, sou muito determinado. Hoje eu tenho uma responsabilidade maior no trânsito, meu carro é todo adesivado, então onde eu ando as pessoas sabem que sou eu. Se eu der um "trancão" em alguém, as pessoas vão dizer: "Olha, o Rosier" (*risos*). Se eu der uma buzina a mais: "Olha o Rosier", se eu cometer uma falha: "Olha o Rosier". Onde eu ando, as pessoas me conhecem. Eu tenho uma responsabilidade. Mas de certa forma eu acho isso bom também. Ou seja, as pessoas me ajudam a me tornar uma pessoa melhor, antes de fazer alguma coisa, eu não tenho mais como me esconder no anonimato, mas eu lido bem com isso. Não tenho nenhuma atração por essa mídia, mas também não tenho medo dela. A publicidade é boa pros projetos que eu faço. Então também não ando fazendo nada de errado que eu tenha de me esconder. Eu procuro continuar trazendo modelos de gestão que funcionem pras pessoas. Ajudar as pessoas a planejar a sua vida. E é isso que eu espero com todos os projetos que vêm pela frente, que eu consiga inspirar as pessoas a acreditar nos seus sonhos, investir nos sonhos.

Aclimatar é um procedimento que se faz antes de escalar uma montanha. O montanhista sobe alguns metros e depois desce, para fazer com que o corpo se acostume à altitude e não sofra nenhum problema.

